



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

BEATRIZ NUNES DOS SANTOS

**A SOCIOLINGUÍSTICA E O LIVRO DIDÁTICO: UMA ANÁLISE DA VARIAÇÃO
LINGUÍSTICA**

CAJAZEIRAS-PB

2015

BEATRIZ NUNES DOS SANTOS

**A SOCIOLINGUÍSTICA E O LIVRO DIDÁTICO: UMA ANÁLISE DA VARIAÇÃO
LINGUÍSTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof. Dr. Jorgevaldo de Souza Silva

CAJAZEIRAS-PB

2015

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço- Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

S237s Santos, Beatriz Nunes dos
A Sociolingüística e o Livro Didático: Uma Análise da Variação
Lingüística. / Beatriz Nunes dos Santos. Cajazeiras, 2015.
42f. : il.
Bibliografia.

Orientador (a): Prof. Dr. Jorgevaldo de Souza Silva.
Monografia (Graduação) - UFCG/CFP

1. Livro Didático. 2. Sociolingüística. 3. Variedades Lingüística.
4. Língua Portuguesa. I. Silva, Jorgevaldo de Souza. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU – 002(075)

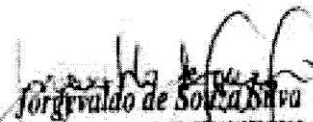
BEATRIZ NUNES DOS SANTOS

A SOCIOLINGUÍSTICA E O LIVRO DIDÁTICO: UMA ANÁLISE DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Letras, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa.

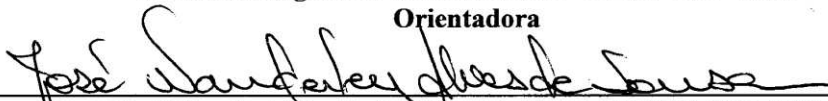
Aprovado em: 07/12/2015

BANCA EXAMINADORA

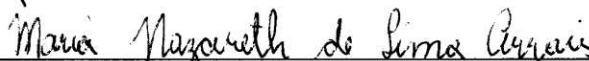

Jorgevaldo de Souza Silva
Vice-Coordenador do PROLETRAS/CFP/UFCG
Matricula: SIAPE 1879917-5

Prof. Dr. Jorgevaldo de Souza Silva - UFCG-CFP-UAL

Orientadora


Prof. Dr. José Wanderley Alves de Sousa - UFCG-CFP-UAL

Examinador



Prof.ª Dr.ª Maria Nazareth Lima Arrais – UFCG – CFP - UAL

Examinador

Prof.ª Dr.ª Hérica Paiva Pereira – UFCG – CFP – UAL

Suplente

Aos meus pais Maria do Socorro e Luiz Nunes, que me ajudaram em momentos difíceis, e incentivaram nos estudos.

Aos meus irmãos pela atenção e apoio.

DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Primeiro agradeço a Deus por estar sempre ao meu lado, principalmente nos momentos mais difíceis.

Aos meus pais e irmãos que me deram apoio e sempre me ajudaram para que eu realizasse esse sonho.

Ao meu namorado que me incentivou e compreendeu a minha ausência nos momentos em que eu estava elaborando este trabalho.

Aos bons amigos que foram pessoas verdadeiras, que me auxiliaram em momentos difíceis.

Aos demais professores que participaram da minha trajetória escolar e acadêmica.

Aos professores da graduação a quem agradeço por todos os momentos de aprendizagem, os quais me fizeram crescer.

Ao Professor Dr. Jorgevaldo de Souza Silva a quem agradeço pela paciência, nos momentos de orientação, pelas leituras sugeridas e correções necessárias.

Muito obrigada!

“Como o nosso ensino da língua sempre se baseou na norma gramatical de Portugal, as regras que aprendemos na escola em boa parte não correspondem à língua que realmente falamos e escrevemos no Brasil. Por isso achamos que ‘português é uma língua difícil’: porque temos de decorar conceitos e fixar regras que não significam nada para nós.”

MARCOS BAGNO

RESUMO

O livro didático, doravante LD, é de fundamental importância para o ensino em sala de aula, pois ele é o instrumento básico do ensino. Nesse trabalho será realizada uma análise do LD e sobre como se dá a abordagem sobre o tratamento da variação linguística na perspectiva sociolinguística. Com isso, objetivamos propor uma discussão sobre a importância de se trabalhar o fenômeno da variedade de níveis linguísticos em sala de aula, por meio de um estudo teórico-analítico do LD de língua portuguesa. Tendo em vista, o ensino tradicional que privilegia a norma-padrão na escola, que a todo tempo está sendo abordada nas aulas de língua portuguesa direcionadas apenas para a memorização mecânica de regras gramaticais, estigmatizando as variedades linguísticas, que é comentada de maneira resumida, o que consequentemente reforça o preconceito linguístico sobre aluno frente à diversidade linguística presente na sociedade. A realização desse trabalho se deu por estudo teórico-analítico de cunho qualitativo com ajuda dos pressupostos teóricos de Amaral (2013), Alkmim (2001), Bagno (1999, 2013, 2007), Martelotta (2009), Martins (2014), Orlandi (2006), PCN (1998), Tarallo (2005) e entre outros. Nosso enfoque se deu sobre a proposta metodológica do livro *Novas Palavras*, de Amaral et al (2013, p. 162-190), em comparação com a proposta curricular que aborda o fenômeno da variação, para avaliarmos se essa temática está exposta de forma adequada ou se reforça o preconceito linguístico. Dessa forma o docente para assumir uma postura inovadora, deve ter uma boa formação e um amplo conhecimento da sociolinguística, e procurar pesquisar outros meios e materiais de ensino para lhe ajudar nessa tarefa.

PALAVRAS CHAVES: Livro didático. Variedades linguísticas. Ensino.

ABSTRACT

The didactic book, from now on DB, it is fundamental importance to the teaching in the class, because it is the basic instrument of the teaching. In this work, it will be held an analysis of the DB and its approach about the treatment of linguistic variety in the sociolinguistic perspective. Along with, we aim to propose a discussion about of the importance of working the phenomenon of the variety of the linguistic levels in the class, through of analytical theoretical study of the DB of the Portuguese language. With a view, the traditional teaching which favours the standard rules in the school, that all the time is being approached in the Portuguese Language classes, directed only to the rote memorization of the grammar rules, stigmatizing the linguistic variety commented in a brief what therefore reinforces the linguistic preconception about the student face to linguistic diversity in the society. To carry out this work, was possible by analytical theoretical study, of qualitative nature with the help of the theoretical assumption of Amaral (2013), Alkmim (2001), Bagno (1999, 2013, 2007), Martelotta (2009), Martins (2014), Orlandi (2006), PCN (1998), Tarallo (2005) among others. Our focus occurred on methodological proposal of the book “Novas Palavras” by Amaral etall (2013, p. 162-190), comparing with curriculum proposal, which approach the phenomenon of the variety of the linguistic, to evaluate if thematic it is exposed appropriately or if it reinforce the linguistic preconception. In this way, to teacher takes an innovative position, he should have a good formation and a great knowledge about the sociolinguistic and seek research other means and teaching materials to help them in this task.

KEYWORDS: Didactic Books. Linguistic Varieties. Education.

Sumário

INTRODUÇÃO	11
1. CONCEPÇÕES SOBRE O ENSINO DA LÍNGUA PADRÃO	16
1.1 O PAPEL DA GRAMÁTICA NA ESCOLA.....	17
1.2 O PAPEL DOS PCNS NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES NA PERSPECTIVA SOCIOLINGUÍSTICA.....	21
1.3 O ESPAÇO QUE A SOCIOLINGUÍSTICA OCUPA NO LIVRO DIDÁTICO.....	22
2. A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUA	25
2.1 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O LIVRO DIDÁTICO.....	27
3. ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO.....	31
3.1 GRAMÁTICA, GRAMÁTICAS	32
3.2 NOÇÕES DE VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS	35
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
5. REFERÊNCIAS.....	40

INTRODUÇÃO

Antes do surgimento da sociolinguística, os gramáticos gregos e romanos de diferentes épocas já vinham há muito tempo estudando, pesquisando, discutindo e fazendo questionamentos sobre a linguagem, por motivos diversos, como o interesse da literatura, da poesia, da religião, da filosofia e etc. Mas essa curiosidade do homem toma forma de ciência, com objetivo e método próprio com o surgimento da linguística – ciência inaugurada no início do século XX, segundo Orlandi (2006, p.08 e 09). Tal ciência da linguagem é definida em grande parte dos manuais especializados, como a disciplina que estuda cientificamente a linguagem.

É importante, todavia, ressaltar, a partir do que fora considerado inicialmente, algumas observações sobre os conceitos de linguagem e língua, haja vista que frequentemente linguagem se confunde com língua e vice-versa. A linguagem, no entanto, apresenta mais de um sentido, termo usado para referir-se a vários processos de comunicação. As línguas naturais, como o português e o inglês, dentre outras, são formas de linguagem que constituem e possibilitam o processo de comunicação entre falantes de uma comunidade.

Os linguistas conceituam a linguagem como uma habilidade ou capacidade que os seres humanos possuem para se comunicar através de línguas. Por outro lado, a língua é definida como um sistema de signos utilizados como meio de comunicação por uma determinada comunidade linguística, conforme Martelotta (2009, p.15 e 16).

Saussure, entre suas dicotomias, apresenta uma que é relacionada ao método de investigação adotado pela linguística: diacronia e sincronia. Sob esta perspectiva saussuriana Martelotta (2009, p.117) define que o estudo sincrônico de uma língua tem como finalidade descrever um determinado estado dessa língua em um dado momento no tempo, o estudo diacrônico (através do tempo) procura comparar dois momentos da evolução histórica de dada língua, ou seja, faz uma análise da variação entre duas palavras de mesmo sentido (ter e haver) em uma mesma época. Entretanto, a diacronia é a análise da trajetória da mudança (através das origens das línguas). Saussure aponta as diferenças entre as duas formas de investigação, registrando a prioridade do estudo sincrônico sobre o diacrônico.

Tarallo (2005, p.8) estudou a sincronia da língua, observando o estado da variedade linguística em determinado momento, definindo o termo variação, afirmando que cada comunidade de fala, há formas linguísticas diferentes entre os usuários da língua, que podem

ser chamadas essas formas de “variantes”. Essas variantes linguísticas são ditas pelos falantes de várias formas não perdendo o sentido real do contexto.

Tarallo (Idem, p. 11 - 12) discute sobre variante padrão e não padrão de uma comunidade de fala que se encontra em relação de concorrência: padrão vs. não-padrão; conservadoras vs. inovadoras; de prestígio vs. estigmatizadas. A variante considerada padrão é conservadora e de prestígio social na comunidade, a variante inovadora quase sempre é considerada não padrão e estigmatizada pelos falantes da comunidade, exemplo: na marcação do plural no português brasileiro, a variante [s] é considerada padrão, conservadora e de prestígio social; a variante [0] é tida como inovadora, estigmatizada e não padrão.

Bagno (1999, p.79) aponta Almeida (1994), como propagador de preconceito linguístico por meio de comandos gramaticais no Brasil durante muito tempo. Almeida (1994) nunca fez questão de esconder a intolerância e autoritarismo em suas colunas de jornal, registrando também em seu livro “Dicionário de questões vernácula” (1994), seu preconceito social, menosprezando em algumas passagens de seu livro, a “língua de cozinheiros” e de “infelizes caipiras”, demonstrando ter total desconhecimento da língua, fazendo suposições sem fundamentos científicos.

Além de Almeida, na mesma linha preconceituosa, Bagno (1999, P. 83) também cita Antônio Sacconi, que escreveu o livro “Não erre mais!” (1998), mostrando a língua como um fenômeno que não se socializa, considera Bagno, entre suas observações estão ensinar coisas inúteis, como: “A pronuncia “correta” do nome inglês do modelo do carro [...] que já deixou de ser fabricado (Monza Classic SE), a grafia “correta” do apelido da apresentadora de TV Xuxa (que segundo ele deveria ser Chucha).

A oralidade e escrita possuem certos aspectos dicotômicos, que estão interligados, Tânia Alkmim (2001, p. 31-33) discute sobre o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, que a mesma a considera como o objeto da sociolinguística, ou seja, a comunidade linguística é caracterizada por um conjunto de pessoas que utilizam a mesma língua e interagem verbalmente, compartilhando um conjunto de regras respeitando os usos da língua. Exemplo, o modo imperativo que indica ordem, mandado, conselho e solicitação dependendo da entonação de voz e o significado do verbo, como em: “Vem cá”, “Saia daqui”, “Desce daí!”, “Vai-te embora”. Cunha e Cintra (1985) observa que devemos empregar fórmulas de polidez ou de civilidade, como: por favor, por gentileza, tenha a bondade e etc.

Alkmim (2001, p. 33) observa o repertório linguístico que constitui de variedades linguísticas distintas dos habitantes da cidade de Salvador, que sua fala é influenciada por sua

origem regional, classe social, de suas ocupações, de sua escolaridade e situação que no momento se encontra. Exemplos de algumas palavras que os falantes pronunciam: “doido” como [‘dojdzu] que indica sua origem da região interiorana, também a pronúncia da palavra “cozinha” como [kun’zia] indica, origem social e pouca escolaridade, também um mesmo habitante de Salvador, dependendo da situação comunicativa, poderá usar as expressões, como: “fiquei retado” ou “fiquei aborrecido”, entre outras expressões.

Bagno (1999, p.74) ressalta que os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) reconhecem que existe preconceito valorizando a norma padrão e estigmatizando a norma não padrão, reforçando a ideia de considerá-la inferior ou errada pela gramática. Então, para que o ensino de língua oral ou escrito seja bem sucedido, a escola precisa se livrar de alguns mitos, como o de que: existe a maneira “certa” ou “errada” de falar; as pessoas de uma determinada região falam melhor que outras, o português é uma língua difícil, é preciso “consertar” a fala do aluno para que ele não escreva errado etc.

Cabe ao professor ensinar essas formas diferentes de falar e escrever o Português, mostrando que as variedades linguísticas são formadas por influências do meio social, faixa etária, sexo, grau de escolaridade, por exemplo.

Dessa forma, o livro didático é de fundamental importância para o ensino em sala de aula, pois ele é o instrumento básico do ensino, cabendo ao professor analisá-lo para ver se sua proposta metodológica está adequada, revendo se a proposta curricular abordada no livro é preconceituosa ou não, cabendo pesquisar outros meios e materiais de ensino.

Esse trabalho é de grande relevância para nós docentes que ainda nos encontramos em processo de formação. Com essa pesquisa, podemos refletir melhor sobre como se deveriam trabalhar às variedades linguísticas no ensino de língua materna.

É nesse aspecto que se pretende chegar ao objetivo de discutir-se sobre a importância de se trabalhar o fenômeno da variedade linguística em sala de aula, por meio de um estudo teórico-analítico a ser realizado no livro didático de língua portuguesa do primeiro ano do ensino médio, “Novas Palavras” da autora Emília Amaral et al (2003), que em seus capítulos dedicados ao tema, pretende desmistificar a ideia de alguns preconceitos relacionados ao “certo” e “errado”, a fim de contribuir para o processo de ensino/aprendizagem dos educandos nas aulas de língua portuguesa, que vem apresentar-se ao aluno quando se deve usar a linguagem formal e informal (oral ou escrita) a adequar-se de acordo com a situação comunicativa.

É pensando nessas questões ora apresentadas que a realização desse trabalho se deu por pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo com ajuda dos pressupostos de Amaral

(2013), Alkmim (2001), Bagno (1999), Martelotta (2009), Orlandi (2006), Tarallo (2005) e entre outros.

Os PCNs (1998, p. 14) propõem competências e habilidades para o ensino médio visando permitir que o ensino de língua portuguesa desenvolva essas competências e o senso crítico ampliando as variadas formas de expressão da língua, capacitando o aluno para que seja um leitor ativo e que leia diversos textos, desenvolvendo conhecimentos que possam ser usados nas diversas situações do uso da língua, formal ou informal, indo além da memorização mecânica de regras gramaticais ou dos movimentos literários.

Os PCNs (1998, p. 07) têm um papel essencial para a formação dos professores, pois, dentro do ambiente escolar pretende discutir a condução do aprendizado nos variados contextos e condições de trabalho nas escolas brasileiras, respondendo às transformações sociais e culturais, considerando as leis e diretrizes que direcionam a educação básica. Dessa forma, procura estabelecer um diálogo direto com todos os educadores que atuam na escola e reconhecem seu papel central na condução e no aperfeiçoamento desse nível.

A sociolinguística é a ciência que faz parte do espaço interdisciplinar, entre língua e sociedade, pondo em evidência essencialmente os empregos linguísticos concretos, principalmente os de caráter heterogêneo, conforme Mollica (2003, p. 09).

Pautamo-nos aqui na problemática de que o livro didático de língua portuguesa não apresenta a variedade linguística. Dessa forma, o objetivo de analisar o livro didático de língua portuguesa utilizado na escola e seu viés que privilegia a norma-padrão na escola, que a todo tempo está sendo abordada nas aulas, esquecendo-se das variantes da língua. Em nossa opinião, para que esse conteúdo proposto no livro didático seja trabalhado como deveria, seria necessário que o docente tivesse uma boa formação sobre sociolinguística para que se amplie as perspectivas de um bom resultado na relação de ensino/aprendizagem de língua materna que respeite a cultura e a variedade linguística do aluno.

Este trabalho é composto de três capítulos, no primeiro capítulo discutiremos a respeito do ensino de língua padrão nas aulas de língua portuguesa e os problemas que ainda persistem na educação brasileira, citando também algumas discussões que Bagno (1999, 20006) enfatiza sobre o assunto. Ainda é discutido nesse capítulo, o ensino da gramática e suas problemáticas, e também o papel dos PCN's na formação dos professores.

O segundo capítulo é destinado a apresentar o espaço que a sociolinguística tem no livro didático e a possibilidade do ensino da variação linguística na escola, percebendo que há uma problemática de não se trabalhar o fenômeno da variação, privilegiando apenas o ensino da gramática. Isso acontece, talvez, por causa do professor que na sua formação não está

suficientemente preparado para enfrentar uma sala de aula, com o dever de mostrar aos alunos a diversidade linguística que existe no nosso país e orientá-los a combater o preconceito linguístico.

O último capítulo apresenta um estudo acerca do fenômeno da variação. Realizamos uma análise no livro didático: “Novas palavras” da autora Emília Amaral, et al (2013) do primeiro ano do ensino médio, mostrando a situação atual de como estão sendo abordados os conteúdos da variação linguística na sala de aula com base no livro didático citado acima.

1. CONCEPÇÕES SOBRE O ENSINO DA LÍNGUA PADRÃO

Nas aulas de língua portuguesa desde as séries iniciais, aprendemos que se deve escrever e falar corretamente, de acordo com as normas gramaticais. Dessa maneira, desde cedo, os alunos têm em mente que não sabem falar português e que essa língua é muito difícil.

Bagno (1999, p.35) discute sobre esse assunto, afirmando que o nosso ensino de língua é baseado na norma gramatical de português, e a maioria dessas regras que aprendemos na escola, não coincide com a língua que falamos e escrevemos no Brasil. Por isso, “português” é considerado difícil, pois temos que decorar conceitos e regras que não têm significado algum pra nós.

No anexo, em uma carta de Marcos Bagno à revista “Veja”, Bagno (1999. P.178) discute sobre o objetivo da escola, afirmando que o papel da escola é de criar condições para que o português padrão seja aprendido. Esse raciocínio de Marcos Bagno é certo, desde que, além de ensinar a língua padrão na sala de aula, apesar de ser a língua mais prestigiada, não se exclua e estigmatize as demais variantes da língua portuguesa. Cabe ao professor mostrar aos alunos que se deve respeitar os falantes do português não padrão.

Bagno (2006, p.26) aborda a língua padrão, ao falar do estabelecimento dessa língua como norma culta no Brasil, que vem desde muito tempo atrás. O autor afirma que teve início no Nordeste com o início da colonização, uma vez que, nessa região encontram-se as cidades mais antigas do país: Salvador, Olinda, Recife. A cultura da cana de açúcar fez dessa região por muito tempo, o centro político, cultural e administrativo. Com a descoberta do ouro em Minas Gerais ocorreu a transferência da capital da colônia para o Rio de Janeiro em 1763, por ser o porto mais próximo para arremessar o ouro para Europa. Sendo assim, o Rio se tornou o mais importante em relação à economia, à política e à cultural.

No século XX, a industrialização em São Paulo aumentou, levando esta cidade a compartilhar com o Rio de Janeiro a importância econômica-política e cultural. Mas tarde, tudo isso fez com que o português formal usado pelas classes sociais privilegiadas, como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte fosse o modelo, a norma a ser seguida do português padrão do Brasil, Conforme Bagno (2006, p.26).

Alguns critérios que são considerados pela sociedade para determinar a norma como padrão, por razões históricas e sociais, definindo o que é “certo” e o “errado” na nossa língua, ao longo do tempo foram: a escola e os meios de comunicação (noticiário no rádio ou TV, livros, jornais e revistas e etc).

Vimos que a escola é responsável por ensinar a língua padrão, por ser considerada a mais importante na sociedade, mas também deveria ensinar as demais variantes da língua portuguesa, mostrando como adequar essa língua de acordo com a situação comunicativa do aluno.

Terminamos de abordar sobre a língua padrão e passaremos a conhecer um pouco sobre o papel da gramática na escola e alguns questionamentos a respeito da mesma, diante desse método de ensino, é apresentado por Travaglia (2009) três conceitos sobre a gramática dos quais serão tratados na seção a seguir.

1.1 O PAPEL DA GRAMÁTICA NA ESCOLA

Desde as séries iniciais até o término do processo escolar, a gramática normativa é ensinada nas aulas de língua portuguesa sendo esta confundida com a língua materna. Então, já que vamos argumentar sobre o ensino de gramática, é preciso saber o que seria esta gramática. Travaglia (2009, p.24-28) apresenta três conceitos a respeito da gramática.

No primeiro conceito, a gramática é tida como um manual de regras de bom uso da língua, devendo ser seguida por quem quisesse se expressar bem. Nesse sentido, a língua é considerada somente a variedade padrão e as outras variantes da língua são desvios, deformações, degenerações. A gramática normativa só trata da variedade da língua culta, considerando erro tudo que foge desse padrão.

O segundo conceito, é chamado de descritivo, por descrever o funcionamento e a estrutura da língua e sua forma e função.

A terceira concepção é a gramática internalizada que é o resultado de um conjunto de regras que o falante de fato aprendeu e que usa na interação comunicativa em que está inserido.

Diante desse método de ensino tradicional que vem acontecendo desde muito tempo, o mesmo deixa a desejar, de forma que os conteúdos são repassados de forma inadequada, vaga, palavras e frases fora do contexto; tendo em vista que, esse ensino retrógrado não contribui para desenvolver a competência comunicativa do aluno, conseqüentemente fazendo com que, o mesmo venha a ter dificuldades de leitura e interpretação textual, tendo aversão às aulas de língua portuguesa.

Antunes (2003, p. 19-20) discute sobre como é a prática pedagógica nas aulas de língua portuguesa desde o ensino fundamental, percebendo diante de muitos aspectos, que há uma perspectiva limitada do estudo das frases e palavras fora do contexto; conseqüentemente, ocorre o insucesso escolar, pois, o aluno afirma que “não sabe português”, e que “o português é muito difícil”, portanto, alguns alunos passam pela experiência da repetência e da evasão escolar.

Soares (2002 Apud Neves, 2010, p.171-172) também faz reflexões sobre a língua portuguesa como disciplina escolar, que só foi colocada em nossos currículos no final do século XIX, mas, no século XVIII, a reforma pombalina já havia tornado obrigatório o ensino de língua portuguesa. Dessa forma, foi proibido o uso de qualquer outra língua no país, com intenção de retirar dos povos rústicos a barbaridade de seus costumes de antes.

Segundo Bechara (1986, p.34), o ensino de língua materna é muito antigo, vem desde os gregos romanos, passando pela idade média e Renascimento, sendo confundido até os dias atuais, pela gramática normativa ensinada nas escolas, esta que, discretamente encerra um conjunto organizado pela antiguidade clássica, sistematizado pela Idade média e pelo Renascimento, apurado pela filosofia que depois alimentou a escola de Port-Royal, sendo retomados por correntes linguísticas mais atuais.

O professor de língua portuguesa na sua formação deve tomar alguns cuidados para não cometer erros graves do ensino tradicional. Bechara (1986, p.3940) discute algumas metas principais, referentes à educação linguística, que consiste em cometer alguns erros do ensino tradicional, um deles é transformar ou substituir o monolíngüístico coloquial do aluno que se despede e chega à escola no monolíngüístico culto. Sendo assim, é papel da escola e do professor, instruir o aluno num poliglota dentro da sua própria língua histórica, lembrando que os objetivos da educação linguística não se resumem em apenas estes.

Scherre (2005, p.42) afirma que na maioria das vezes, o ensino de gramática é feito de forma severa, como se tudo o que está diferente do que está registrado na gramática fosse errado. O objetivo do ensino normativo é de excluir as formas ditas empobrecedoras, desviantes e vistas como indignas de uma língua bem falada. Na insistência desse objetivo, muitas vezes banem-se das escolas alunos que produzem essas formas linguísticas indesejáveis, que estas formas são produzidas por maior número de pessoas de classe social desprestigiada, as pessoas de classe social prestigiada às vezes produzem também essas formas consideradas indesejáveis, mas, em menor quantidade.

Ainda sobre o autor referido (2005, p.93), o mesmo faz reflexões acerca da gramática e do ensino, deixando claro que não é contra a gramática normativa, pois, seu ensino nas

comunidades modernas tem função essencial de que não se pode fugir de ensinar a usar a arma de luta social. Só não pode confundir, que quando o professor está dando aula de gramática normativa, ele não está ensinando língua materna, nem, portanto está ensinando língua portuguesa, língua materna se adquire não se aprende e nem se ensina.

Saussure (2012, p.181) conceitua gramática como um sistema sincrônico e diacrônico:

A gramática estuda a língua como um sistema de meios de expressão; quem diz gramatical diz sincrônico e significativo, e como nenhum sistema está a cavaleiro de várias épocas ao mesmo tempo, não existe, para nós, “Gramática histórica”; aquilo a que se dá tal nome não é, na realidade, mais que a linguística diacrônica.

Saussure afirma que a gramática é sincrônica e significativa, explicando que nenhum sistema estuda várias épocas ao mesmo tempo, não existe gramática histórica, o que existe é gramática diacrônica que estuda a trajetória evolutiva de análise de uma determinada palavra.

Alguns linguistas fazem questionamentos sobre os objetivos do ensino da língua materna, um desses questionamentos, Travaglia (2006, p.17-20) responde a pergunta: “Para que se dá aulas de português a falantes nativos de português?”. A primeira resposta, é que o ensino de língua materna se apresenta pelo objetivo de desenvolver a competência comunicativa dos usuários da língua, ou seja, é a capacidade que o usuário tem de empregar a adequação verbal nas situações de comunicação (cf. Fonseca e Fonseca, 1977: 82). A competência comunicativa envolve duas outras competências: a gramatical ou linguística e a textual.

Na segunda resposta, temos dois objetivos de ensino de português: levar o aluno a dominar a norma culta ou língua padrão e ensinar a variedade escrita da língua. A terceira resposta é levar o aluno a conhecer a instituição linguística, da instituição social que a língua pertence ao conhecimento de como ela está constituída e seu funcionamento (sua forma e função). A quarta resposta, propõe ensinar o aluno a refletir, a raciocinar sobre a língua (atividades metalinguísticas). Ensinar o modo de pensar científico.

Há uma preocupação muito grande por parte dos professores e educadores para que haja a melhoria no ensino de gramática, com intuito de que o aluno domine a língua para ter uma competência comunicativa, Geraldini (apud Travaglia, 2009, p.107) explica que para dominar uma língua é preciso entender que não significa incorporar “o vocabulário” ou aprender um “conjunto de regras de estruturação de enunciados” etc. a língua tem que ser aprendida de forma natural no convívio social seja de forma sistemática em sala de aula em situação de interação e reflexão sobre a linguagem.

Não estamos reprovando aqui a importância do ensino de gramática na escola, desde que esse ensino não seja transmitido para o aluno de forma errada. Bagno (1999, p.52) ressalta que é preciso ensinar a escrever de acordo com a ortografia oficial, mas não se pode fazer isso criando uma língua falada “artificial” reprovando as variações linguísticas como erradas. Certo seria dizer ao aluno que pode dizer “bunito” ou bonito, mas sempre escrever BONITO, porque a ortografia é necessária que seja única para toda a língua.

Os PCNs (1998, p. 60) conceituam gramática:

O conceito refere-se a um conjunto de regras que sustentam o sistema de qualquer língua. Na fala, fazemos uso de um conhecimento linguístico internalizado, que independe de aprendizagem escolarizada e que resulta na oralidade. Na escrita, também utilizamos esse conhecimento, mas necessitamos de outros subsídios linguísticos, fornecidos pelo letramento (conjunto de práticas que denotam a capacidade de uso de diferentes tipos de material escrito).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais conceitua gramática como conjunto de normas que mantem o sistema de inúmeras línguas. Na oralidade faz-se o uso do conhecimento linguístico internalizado. Na escrita, usa-se o conhecimento internalizado juntamente com outros conhecimentos que faz parte do letramento.

Os PCNs (1998, p.57) também definem a gramática internalizada:

Desde a infância, todos os falantes de uma língua comunicam-se com base em uma gramática internalizada, que independe de aprendizagem sistemática, pois se adquire pelo contato com os demais falantes. É a partir desse saber linguístico implícito que os usuários se fazem entender, de uma forma ou de outra, e deixam transparecer as marcas de sua origem, idade, nível sociocultural.

A gramática internalizada é adquirida através da prática diária que assimilamos naturalmente por meio do contato com os falantes do nosso idioma, deixando notarem-se marcas de oralidade, situação financeira e cultural, origem e idade.

Diante do que foi argumentado, a seguir vamos conhecer um pouco sobre o papel dos PCNs e sua importância para formação dos professores.

1.2 O PAPEL DOS PCNS NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES NA PERSPECTIVA SOCIOLINGUÍSTICA

Os parâmetros curriculares Nacionais têm um papel muito importante na formação docente, seja influenciando na prática pedagógica ou orientando educadores a ampliar seus conhecimentos na proposta de mudanças sobre debates educacionais e desenvolver competências que refletem o resultado no ensino aprendizagem, no trabalho junto aos alunos. A boa formação do professor é de muita relevância para que o ensino nas escolas públicas aconteça de maneira satisfatória.

Tendo isso em vista, o papel dos PCNs (1998, p.07) dentro do ambiente escolar deve ser o de discutir a condução do aprendizado nos variados contextos e condições de trabalho nas escolas brasileiras, respondendo às transformações sociais e culturais, considerando as leis e diretrizes que direcionam a educação básica e procurando estabelecer um diálogo direto com todos os educadores que atuam na escola, que reconhecem seu papel central na condução e no aperfeiçoamento desse nível.

Esse material traz orientações educacionais que buscam contribuir para implementar as regras educacionais definidas pela nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, sem intenção normativa. Um de seus objetivos principais é o de facilitar a organização do trabalho escolar na área de linguagem, códigos e suas tecnologias. Apresentando algumas sugestões e práticas educativas e de apresentação dos currículos, abrindo um diálogo sobre o projeto pedagógico escolar que apoia o professor em seu trabalho nas disciplinas, o texto também traz elementos para a continuidade da formação profissional docente na escola, PCNs (1998, p.7).

Os PCNs (1998, p.239) apresentam alguns motivos para discutir a formação inicial docente e competências do ensino superior, que está exposto num documento direcionado a educadores do Ensino Médio. O primeiro motivo está relacionado a problemas de muito tempo presente na formação docente, obstáculos no desempenho do professor que a escola deve se mobilizar para superá-los.

Segundo motivo; as novas orientações publicadas oficialmente para a formação dos professores ainda não se realizaram, pois é constituído num processo que requer ajustes de transição a serem encaminhados na escola. Terceiro motivo, a formação do professor profissional contínua ou permanente deve acontecer enquanto se exerce a profissão no seu trabalho escolar.

Os cursos de formação de professores trazem um preconceito arraigado na nossa sociedade, de modo que os cursos de licenciaturas são considerados inferiores aos demais. As diretrizes curriculares nacionais discutem sobre esse assunto, afirmando que a formação do professor na educação básica ilustra o reconhecimento da formação inicial, afirmando que, nos cursos de licenciatura, a atuação como “licenciados” é vista como “inferior” e não vocacional; já o bacharelado é considerado uma opção natural, de acordo com PCNs (1998, p. 239).

Em outras instituições do ensino superior, há um problema que é o resultado de uma formação há uma distância entre teoria e prática docente que piora o baixo domínio disciplinar. Pois, no curso de licenciatura os docentes só estudam a teoria e o acesso à prática é muito limitado, visando que essa prática é apenas por meio do estágio supervisionado. É necessário ter um conhecimento maior da prática nas salas de aula, para que o formando saiba equilibrar a prática à teoria, tendo também um pouco mais de conhecimento da realidade do ensino em sala de aula.

Diante das considerações realizadas sobre o papel dos PCNs na formação dos professores, abordaremos a seguir, sobre o espaço que a sociolinguística ocupa no livro didático.

1.3.1 O ESPAÇO QUE A SOCIOLINGUÍSTICA OCUPA NO LIVRO DIDÁTICO

Os livros didáticos de língua portuguesa há muito tempo dá prioridade ao ensino da Gramática Normativa, fazendo com que este seja o centro da atenção nas aulas, levando os alunos a acharem que a língua é uniforme, ou seja, que existe apenas uma língua no Brasil, a norma culta.

Martins (2014, p. 123) aborda novas questões para análises de livro didático em relação ao fenômeno da variação, selecionando quatro reflexões motivadoras, a primeira: a variação linguística é uma constante na obra ou aparece de forma pontual, isolada? Essa observação foi feita quando se percebeu que geralmente são analisados somente os capítulos dedicados ao tema e não se interessavam em saber se essa temática se estendia no livro.

A segunda foi causada por uma preocupação incômoda, o fato de o vocabulário científico/acadêmico utilizado no livro didático, causa dificuldade de entendimento pelos alunos. A pergunta é como abordar algo científico sem o uso de nomenclaturas científicas?

Através dessa preocupação surgiu outra questão: a terminologia utilizada no livro está adequada aos padrões científicos?

A terceira questão surgiu baseada no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) que exige utilizar diferentes gêneros textuais que representem as variedades linguísticas, em situações reais de uso.

Bagno (1999, p.15-16) ressalta o mito de que a língua é única no Brasil, considerando este fato o mais prejudicial ao ensino, por não reconhecer a diversidade do português no Brasil. A escola tenta impor a língua como uma só, sendo esta a língua culta, não considerando aspectos essenciais, como a idade dos alunos, origem geográfica, situação socioeconômica e grau de escolarização, desprestigiando, assim, a variedade não padrão falada pelas pessoas que não têm acesso à escola e fazendo-as vítimas de chacota e escárnio.

É necessário, nesse sentido, discutir algumas atitudes dos professores em relação ao Ensino de Língua Portuguesa, para que esta seja ensinada na escola de forma adequada à variedade linguística, pois a norma-padrão é sempre privilegiada a todo tempo, reforçando cada vez mais o preconceito da sociedade em relação à língua não padrão.

Para que o material didático seja trabalhado como deveria, é preciso que o docente tenha uma boa formação acadêmica e certo conhecimento da sociolinguística, passando o conteúdo com clareza para que tenha um bom resultado no processo de ensino/aprendizagem da língua materna, respeitando a cultura e a variedade linguística do aluno.

Diante disso, Bagno (2013, p.20) ressalta que, no processo de avaliação do LD demonstra que as obras escolhidas pelos professores são de perfil menos desafiador, um dos fatores para esse acontecimento é por consequência da formação deficiente que recebem os professores nas universidades e também pelas condições de trabalho vinculadas ao sistema educacional: livros inovadores requerem investimento de tempo, estudo e leitura, que também é muito importante que haja interação que só será possível quando o docente tem boa formação teórica e metodológica.

A supervalorização do conteúdo da gramática tradicional exposto nos materiais didáticos vem sendo cobrado no ensino começando pelos pais dos alunos, igualmente quando eles aprenderam em seu tempo escolar. “Conheço gente que tirou seus filhos de uma escola por que o livro didático ali adotado não ensinava coisas “indispensáveis” como “antônimos”, “coletivos” e “análise sintática”” [...] Bagno (1999, p.62).

Com base no referido autor (1999, p.73), é pertinente discutir sobre os três elementos do círculo vicioso, que são: a gramática tradicional, os métodos tradicionais de ensino e os livros didáticos. A gramática tradicional influencia a prática de ensino provocando o

surgimento da indústria do livro didático, do qual os autores fecham o círculo recorrendo à gramática tradicional como principal fonte de concepção e teoria sobre a língua.

Agora, vamos conhecer algumas reflexões e questionamentos a respeito da variação linguística no ensino de língua materna e possíveis problemáticas em sua metodologia.

2. A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUA

Tendo em vista estudos realizados, nota-se que há uma grande preocupação com a educação do nosso país, por conta desse ensino de língua no qual existe uma problemática em sua metodologia de que não se trabalham as variações linguísticas na modalidade oral e escrita da maneira adequada, o que desencadeia “mitos” do preconceito linguístico.

Martins (2014, p. 117) argumenta o fato de que, apenas no século XXI, o tema da variação linguística vem à tona. Afinal, já são mais de 50 anos de história desse tema, e ele é desconhecido dos alunos talvez por falha na formação de alguns professores. Nos livros e materiais didáticos, os outros temas como sintaxe, texto e leitura etc, sempre tiveram um espaço nos manuais didáticos, diferentemente da variação linguística, que da mesma forma que esses outros citados, tem sua importância e que também deve ter seu próprio capítulo.

Ainda sobre alguns questionamentos acerca da variação linguística em sala de aula, referente ao autor citado acima, Martins (2014, p. 117) afirma que: “todos são capazes de perceber diferenças de comportamentos e atitudes frente a uma mesma situação, por que, então, quando se trata de língua, a mesma percepção é de difícil aplicação?”, então a resposta está no valor que é dado pela sociedade a expressões linguísticas. Por fim, o autor faz questionamentos, como: a quem interessa o estudo da variação? Como a língua pertence a todas as comunidades de linguísticas, que por meio destas, ocorrem às interações sociais, chegando à conclusão que esta pergunta não precisaria ser formulada, pois o tema da variação é do interesse de todos.

As aulas de português estão direcionadas apenas para a memorização mecânica de regras gramaticais, como consequência há constantes “erros” em relação à norma, pois, o aluno não sabe qual variante usar na forma escrita ou falada, não sabendo adequar sua língua de acordo com sua situação comunicativa.

Scherre (2005, p.42) cita uma reflexão sobre o preconceito linguístico, mencionada por Matos e Silva: (2004); Silva: (1994), afirmando que um dos maiores problemas na área do ensino de língua portuguesa passa pelo preconceito linguístico. Portanto, não se ensina língua portuguesa, porque este saber quando nascemos já está internalizado. Na verdade, o que é ensinado é a gramática normativa da língua portuguesa, mas não língua portuguesa.

Bagno (1999, p. 13) ressalta que o preconceito linguístico é constantemente alimentado pela população Brasileira, através de programas de mídia, como televisão e rádio,

exposto também nos jornais e revistas, em livros e manuais, gramáticas normativas e livros didáticos, reforçando a ideia de ensinar o “certo” e criticando o “errado”.

Bagno (2003, p. 15-16) expõe suas ideias acerca de estudos que fez algum tempo sobre o preconceito linguístico na sociedade brasileira, chegando à conclusão de que esse preconceito é a consequência de um profundo preconceito social.

Alkmim (2001, p.35) relaciona a variação social, ou diastrática, a um conjunto de fatores que está interligado à identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade da fala. Sobre alguns fatores que são relacionados às variações de natureza social, um deles é o da classe social que pertence a uma determinada comunidade discursiva situados abaixo da escala social: uso da dupla negação, em “ninguém não viu”, “eu nem num gosto”; a troca do [l] pelo [r], como em “brusa” e (blusa), “grobo” e (globo); os outros fatores são: idade, sexo, situação ou contexto social.

A mesma autora (2001, p.39) faz observações sobre a coexistência de um conjunto de variedades linguísticas no contexto das relações sociais que:

Em qualquer comunidade de fala, podemos observar a coexistência de um conjunto de variedades linguísticas. Essa coexistência, entretanto, não se dá no vácuo, mas no contexto das relações sociais estabelecidas pela estrutura sociopolítica de cada comunidade. Na realidade objetiva da vida social, há sempre uma ordenação valorativa das variedades linguísticas em uso, que reflete a hierarquia dos grupos sociais.

Segundo os grifos da autora, a comunidade linguística e o conjunto de variedades linguísticas estão imbricados, isso acontece dentro da realidade das relações sociais que determina a estrutura sociopolítica da comunidade linguística. Ou seja, em todas as comunidades, existem variedades linguísticas que são consideradas superiores e outras inferiores.

Orlandi (1992, p.52) explica a variação linguística através de fatores sociais, mostrando um exemplo que tem uma marca de plural, exemplo: os carros vermelhos/ os carros vermelho/ os carro vermelho. A presença ou ausência de “S” é chamada de variante. Outro exemplo: “nós vamos” e “nóis vai”, a sociolinguística relaciona as variantes linguísticas com as variantes sociolinguísticas (profissão, educação, salário), idade, raça e sexo.

Os PCNs (1998, p. 55) de língua portuguesa propõem competências e habilidades para a melhoria no ensino:

Permitem inferir que o ensino de Língua Portuguesa, hoje, busca desenvolver no aluno seu potencial crítico, sua percepção das múltiplas possibilidades de expressão linguística, sua capacitação como leitor efetivo dos mais diversos textos representativos de nossa cultura. Para além da memorização mecânica de regras gramaticais ou das características de determinado movimento literário, o aluno deve ter meios para ampliar e articular conhecimentos e competências que possam ser mobilizadas nas inúmeras situações de uso da língua com que se depara, na família, entre amigos, na escola, no mundo do trabalho.

Dessa forma, os PCNs (1998) se posicionam propondo competências e habilidades para o ensino médio visando permitir que o ensino de língua portuguesa desenvolva o senso crítico ampliando as variadas formas de expressão da língua, capacitando o aluno para que seja um leitor ativo e que leia diversos textos que representa nossa cultura. O aluno deve desenvolver competências e conhecimentos que possam ser usados nas diversas situações do uso da língua, formal ou informal, indo além da memorização mecânica de regras gramaticais ou dos movimentos literários.

Ainda sobre o referido documento citado (idem p.08), visando o novo ensino médio, de acordo com os termos da Lei na sua regulamentação, deixa de ser apenas preparatório para o ensino superior ou profissionalizante, para ser apenas responsabilidade de completar a educação básica. Pois o ensino de maneira geral tem uma visão bem mais ampla, significando a preparação do aluno para a vida em sociedade, qualificando para a cidadania e capacitar para o aprendizado permanente e os seus estudos futuramente, ou no mercado de trabalho.

2.1 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O LIVRO DIDÁTICO

O livro didático é de fundamental importância para o ensino em sala de aula, pois ele é o suporte principal que transmite aos alunos os conteúdos da aula, cabendo ao professor analisá-lo. Dessa forma, veria se sua proposta metodológica estaria adequada, revendo-a se no caso do livro de língua portuguesa, a maneira como é abordada essa temática é preconceituosa ou não, em relação à língua materna. Diante disso, o professor deveria pesquisar outros meios e materiais de ensino para usar nas aulas se necessário.

Percebemos que a elaboração de um livro didático é uma tarefa nada fácil. Seja ele de nível médio ou fundamental, Martins et al (2014) aponta que seus elaboradores devem estar atentos a uma série de itens relativos ao processo de ensino e aprendizagem, que são:

linguagem acessível ao público-alvo, a heterogeneidade de fontes de informação e equilíbrio entre as partes da obra. Esses são alguns desafios para quem elabora livros didáticos.

É ressaltado aqui que, após esses desafios, foram acrescentados a seguir os parâmetros indicados pelo programa Nacional do Livro Didático (PNLD), para elaboração do livro didático. O mesmo aborda três desses parâmetros, que são: a interdisciplinaridade, a cidadania e a heterogeneidade. Logo, esses parâmetros estão interligados, pois o parâmetro interdisciplinaridade foi a possibilidade para inserção do parâmetro cidadania que este conduz ao parâmetro heterogeneidade, visando trabalhar com a variação linguística.

Bagno (2007, p.119) Refere assuntos sobre a importância do livro didático de língua portuguesa, ressaltando sobre o aumento de qualidade desde 1996, pois, o Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLDEM), responsável pelo processo de avaliação do livro didático, teve início em 2004, abrangendo somente as disciplinas língua portuguesa e matemática. Nesse processo de avaliação, participam uma grande quantidade de linguistas e educadores.

Há uma problemática em relação aos manuais de ensino, conforme Bagno (2007, p.119). Apesar de o PNLD ser privilegiado, mostrando resultados de pesquisa em universidades, desempenhando boa influência na prática pedagógica, o tratamento do fenômeno da variação linguística nos livros didáticos, continua tendo problemas. Pois, nos manuais de ensino, é notável o desejo dos autores na luta contra o preconceito linguístico e a valorização das várias formas linguísticas do português brasileiro. Tendo ausência da base teórica que prejudica o trabalho realizado nessas obras que abordam a variação linguística.

Após a realização do processo de avaliação das obras a serem selecionadas pelo ministério da educação (através do FNDE-Fundo Nacional de desenvolvimento da educação) publica um guia dos livros didáticos para ajudar aos professores na escolha das obras a serem trabalhadas em sala de aula. Por meio desse guia, são informados princípios e normas que devem ser seguidas para que as obras selecionadas sejam bem avaliadas, lembrando que todos os LDs que são recomendáveis para o ensino de língua portuguesa nas escolas públicas são considerados de boa qualidade, considerando que, não existe uma coleção perfeita, existindo insuficiências que são superados por aspectos positivos, de acordo com Bagno (2013 p.10-11).

Apesar de os manuais didáticos que foram aprovados pelo PNLD serem de boa qualidade para o ensino de língua portuguesa, por passar pelo processo avaliativo, o ensino em sala de aula ainda está ligado ao tradicionalismo. Segundo Bagno (2013, p. 11), não existe nenhuma coleção perfeita, então, refletimos sobre esse assunto, chegando ao consenso de que

o professor em sua aula tem que ter uma postura para selecionar alguns conteúdos que se adequam ao fenômeno da variação, que são esses: atividades de leitura com perspectiva construtivo-reflexiva, produção e escrita, atividades de reflexão e à análise sobre a língua e a linguagem e a construção de conhecimentos linguísticos.

Do mesmo modo, demonstra interesse na variação linguística, pretendendo mostrar como está sendo abordada nos manuais aprovados, considerando-o essa abordagem não satisfatória na perspectiva direcionada a sociolinguística contemporânea e aos objetivos do ensino de língua materna que priorizam o letramento.

Nas observações realizadas por Martins (2014, p. 123), como já citamos no capítulo anterior, há novas questões para análises do livro didático em relação ao fenômeno da variação, a saber: a variação linguística é uma constante na obra ou aparece de forma pontual, isolada? O vocabulário científico/acadêmico utilizado no livro didático causa dificuldade de entendimento pelos alunos? O fato de empregar diferentes gêneros textuais que representam as variedades linguísticas, em situações reais de uso. Procuramos responder a essas reflexões, baseado no livro analisado neste trabalho.

Portanto, respondendo aos questionamentos acima, usando como referência o LD que está sendo analisado, a temática da variação linguística é abordada no livro didático *Novas Palavras*, Amaral et al (2013, p. 162-190), de forma isolada, somente em apenas dois capítulos do livro. Percebemos que essa temática não se estende aos outros capítulos do livro.

A segunda reflexão sobre o fato de o vocabulário científico/acadêmico utilizado no livro didático, a terminologia do vocabulário utilizada no livro está adequada aos padrões científicos, pois é abordada de maneira que é adequado ao entendimento do aluno?

A terceira questão é sobre o fato de utilizar diferentes gêneros textuais que utilizam as variedades linguísticas, em situações reais de uso, ou seja, se os gêneros textuais presentes no LD abordam a língua falada que é descrita e analisada em seu contexto social se é de forma adequada ou não. Observamos que, são poucos os textos que tentam reproduzir a língua falada dos falantes e estes, reproduzem (a fala) de maneira artificial, reforçando ainda mais a discriminação linguística.

Comprovando a importância de se trabalhar os gêneros textuais para os estudos de uso da língua, citada acima por Martins (2014, p.123), os PCNs (1998, p.55) também concorda que o estudo do texto contribui para o ensino e aprendizagem de uma língua, dando a oportunidade de se trabalhar com as diversas variedades da língua:

Os textos são a concretização dos discursos proferidos nas mais variadas situações cotidianas. O ensino e a aprendizagem de uma língua não podem abrir mão dos textos, pois estes, ao revelarem usos da língua e levarem a reflexões, contribuem para a criação de competências e habilidades específicas. Entre elas: reconhecer, produzir, compreender e avaliar a sua produção textual e a alheia; interferir em determinadas produções textuais (por exemplo, em sua própria ou na de colegas), de acordo com certas intenções; incluir determinado texto em uma tipologia com base na percepção dos estatutos sobre os quais foi construído e que o estudante aprendeu a reconhecer (saber que se trata de um poema, de uma crônica, de um conto).

De acordo com os PCNs (1998, p.58), o ensino de língua deve ser baseado por meio dos estudos dos gêneros textuais, já que a nossa comunicação só ocorre por meio destes. Para que o ensino e a aprendizagem de uma língua ocorram de maneira satisfatória, temos que dá prioridade aos textos nas aulas, pois estes contribuem para o desenvolvimento das competências e habilidades do aluno.

3. ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO

Com base nas discussões anteriores, analisaremos alguns fragmentos que nos chamaram atenção no conteúdo do livro didático *Novas Palavras*, Amaral et al (2013, p. 162-190), do 1º ano do ensino médio, que nos possibilitará entender melhor as propostas de estudo das variações linguísticas no ensino de língua portuguesa, e como estão exposta as abordagens linguísticas, tradicionais e as metodologias propostas.

Observamos no livro didático que os autores têm uma formação acadêmica insuficiente para argumentar assuntos relacionados a sociolinguística, vejamos que, Emília Amaral é doutora em educação e mestra em Letras (área: Teoria Literária) pela Unicamp, Mauro Ferreira do Patrocínio tem especialização em metodologia de ensino pela Unicamp, Ricardo Silva Leite é mestre em letras (área: Teoria Literária) pela Unicamp, Severino Antônio Moreira Barbosa é doutor em educação (área: Filosofia e História da educação) pela Unicamp. Podemos observar que entre os autores, nenhum deles é linguista, Ricardo Silva e Emília Amaral são mestres em letras, porém da área de teoria literária. Ou seja, não há formação específica para a elaboração do livro didático pautado, especificamente, na linguística, o que indica uma falta de dedicação a este tema dentro das abordagens linguísticas do livro didático. Percebemos, com isso, que as escolas se posicionam como preservadora das normas de prestígio da língua portuguesa.

De maneira geral, foi observado que o livro analisado é composto por três volumes, estando dividido em: literatura, gramática, redação e leitura. A partir de observações realizadas, percebemos que há apenas dois capítulos do volume direcionado à abordagem da variação nos fenômenos gramaticais, somente estes abrangem o tema do fenômeno da variação linguística sendo que, a variedade padrão predomina no restante do livro, nos volumes direcionado à “gramática”, à “literatura” e à “redação/leitura”.

Ao observar essa situação de que a escola em parceria com livro didático valoriza mais o ensino da língua culta, desprezando as variantes existentes no português brasileiro, nota-se que quando se analisa o tratamento o qual é dado às variações linguísticas nos (LD) livros didáticos, esse preconceito sobressai contra as tendências de variações linguísticas, nesse contexto, Bagno (2007, p. 120) expõe um dos principais problemas encontrado nos LDs:

Um dos principais problemas que encontramos nos livros didáticos é uma tendência ao tratar a variação linguística em geral como sinônimo de variedades regionais, rurais ou de pessoas não escolarizadas. Parece estar por

trás dessa tendência a suposição (falsa) de que os falantes urbanos e escolarizados usam a língua de um modo mais “correto”, mais próximo do padrão, e que no uso que eles fazem não existe variação.

De acordo com o pensamento do autor, além de associar as variações ao sinônimo de pessoas não escolarizadas, nos LDs faz-se também instaurar um preconceito ainda maior contra algumas variedades, especialmente a da zona rural, por exemplo, pois, trabalham-se geralmente nos LDs com as variedades da zona urbana para mostrar que elas são consideradas como as variedades de modo mais “correto” (falsa noção), quando não existe na verdade.

Percebemos que existe muito preconceito contra os falantes de variedade popular. Portanto, os livros didáticos são considerados como inadequados quando é analisada essa variedade, pois esses manuais buscam adequar o ensino à realidade do aluno. Por isso, muitos livros didáticos ainda continuam abordando seus conteúdos de forma descontextualizada, abstrata, impondo maneiras padronizadas para se comunicar e escrever bem.

Partiremos para os capítulos do LD que estão direcionados ao tema da variação, intitulados por “Gramática, gramáticas” e “Noções de variações linguísticas”.

3.1 GRAMÁTICA, GRAMÁTICAS

Encontramos no início do primeiro capítulo do volume dedicado à gramática, intitulado por: “Gramática gramáticas...”, Novas Palavras, Amaral et all (2013, p. 162-190), no início do capítulo encontramos um pequeno texto humorístico, que tem por nome: “Especialista...”, narrando a conversa de um engenheiro e um caboclo caipira que mora no sítio, como ele é descrito, vejamos abaixo o texto da página, 160:

Um caboclo, vendo uma movimentação de homens e equipamentos perto do sitiozinho onde ele morava, vai até lá e pergunta a um deles:

_Cum licença, moço, o que oceis tá fazeno?

_Aqui vai passar uma rodovia- responde o homem- e nós somos os engenheiros e técnicos. Com esses equipamentos nós vamos definir o traçado ideal para a estrada.

_Oia, moço, o senhor vai disculpá, mais aqui no sertão nós faiz estrada de outro jeito. Nós pega uma mula e sortia ela, onde ela passá... aí é o mió lugá de abri a estrada. Num tem erro!

O engenheiro, achando graça na simplicidade do capiau, diz sorrindo:

_É mesmo? Não me diga! Mas... E se vocês não tiverem uma mula?

E o caipira: _Ué... aí nós quebra o gaio com uns engenheiro...

Após o texto, na página 161, o autor faz possibilidades de questionamentos sobre qual dos dois personagens fala bem o português e domina a gramática? O mesmo deduz que se fizéssemos essa pergunta a diferentes falantes do português, todos responderia que só quem fala bem o idioma seria o engenheiro, pois o mesmo fala “correto”, e etc.

Por fim, os autores afirmam, para suavizar o seu preconceito perante a variante linguística do “caipira” personagem do texto, que, o caboclo da história sabe falar e é muito bem o português, tanto que os dois conversaram e houve comunicação entre ambos, e a língua que o homem caipira usou é a língua portuguesa. Depois, na página 162, fazem reflexões sobre as frases: 1“Cum licença, o que oceis tá fazendo?” e 2“Com licença, o que vocês estão fazendo?” Se as mesmas estão de acordo com a gramática normativa, explicando que a construção 2, além de ter sido estruturada de acordo com a gramática (sistema de funcionamento) da língua, é também construída segundo as regras da gramática normativa.

A frase do estilo da construção 1 “Cum licença, o que oceis tá fazeno?” É correta do ponto de vista linguístico, mas, sendo considerada incorreta na perspectiva da gramática normativa.

Em relação ao que foi exposto no LD, consideramos que essa abordagem linguística em torno da gramática normativa é preconceituosa, pois, mostra exemplos de duas formas de construção de uma mesma frase, diferenciando entre elas, que uma está de acordo com a gramática normativa e a outra é “correto”, do ponto de vista linguístico, mas, é considerada incorreta na perspectiva da gramática normativa.

O preconceito implícito aqui é que os autores usam um exemplo de um personagem caipira, e que reside em zona rural e provavelmente não escolarizado, e, por outro lado, o engenheiro é representante da variedade da zona urbana, para mostrar que essa é considerada como variedade de mais prestígio. Também, conclui que esse preconceito é resultado do preconceito social, isso é comprovado com a ideia de que moradores de zona rural, não são

escolarizados (no caso do caipira personagem do texto) e que não são capazes de falar uma variante culta em nenhuma situação comunicativa.

Como foi dito inicialmente, o texto é humorístico, a parte que julgamos que tenha humor, em primeiro lugar, está na conclusão inusitada que o caipira descreve como abrir uma estrada, mostrando que ele também é inteligente, vejamos que foi escolhido um texto que existe personagens opostos, pelo fato de ter uma caipira e um engenheiro, pois os autores escolheram um texto que um dos personagens é um caipira que usa vocabulário simples e informal. Então, o modo de falar o matuto julgo que seja outro motivo de humor, como se a fala simples e informal de uma pessoa que provavelmente não é escolarizada, fosse motivo de risos. Os autores poderiam ter escolhido outro tipo de texto que não tivesse personagens com maneiras de falar tão diferentes.

De acordo com as duas variantes que observamos no texto acima, sabemos que toda língua apresenta variantes mais prestigiadas que outras. Nesse contexto, a variante mais valorizada pela sociedade é o vocabulário do engenheiro, por ele falar de acordo com norma padrão, e a variante estigmatizada é considerada o vocabulário do homem caipira, por ser de uma classe social baixa e aparentemente não ter tido muito acesso a escola.

Baseado nessa reflexão sobre o vocabulário dos personagens do texto, percebemos a importância que a sociolinguística deve estar presente nos LDs. Mollica (2003, p. 13) afirma que os estudos sociolinguísticos são de grande importância, no sentido de acabar com preconceitos linguísticos e de relativizar a noção de erro, ao tentar descrever o padrão real da escola, por exemplo, a sociolinguística procura desconsiderar a língua padrão como expressão linguística natural e legítima.

De forma limitada e vaga, na página 163, os autores explicam as duas gramáticas, a internalizada e a normativa, usando apenas dois exemplos retirados do texto humorístico.

No próximo subtítulo do primeiro capítulo, que tem como tema “variedades linguísticas”, na página 163, é argumentado sobre os critérios que são empregados para definir o que é “certo” e “errado” na língua. Ressaltando que, os parâmetros e regras que determinam a norma (padrões de uso) da língua portuguesa, foram fixados e estabelecidos ao longo do tempo, principalmente pela ação de dois instrumentos sociais: a escola e os meios de comunicação (livros, jornais, revistas, noticiário de rádio e TV etc.). Ainda lembra que, antigamente frequentar a escola e comprar livros e jornais era privilégio de poucos, ou seja, só quem podia eram as pessoas de classe alta.

Também explica que, a variedade padrão serviu de base para elaborar gramáticas normativas e, foi aos poucos sendo impostas aos falantes de todas as classes sociais como

“modelo ideal” de língua, como o “padrão” a ser seguido para falar e escrever “corretamente” o português.

De acordo com que foi exposto, percebemos que a estabilidade da língua padrão é mostrada de maneira resumida e muito limitada. Os autores para melhor discutir sobre o assunto deveriam voltar um pouco no tempo contando a história de como se estabeleceu a língua padrão no país e a partir de quando isso ocorreu.

3.2 NOÇÕES DE VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS

Abordaremos a seguir na página 185, o segundo capítulo do volume “gramática”, que tem como título “Noções de variações linguísticas”. Nele, os autores definem variações linguísticas, enumerando os principais fatores que causam diferenças entre os vários modos de falar e escrever em português. Dentre eles destacam-se: situação de comunicação, idade, grupo social, assunto, época e etc; que, combinados, determinam a maneira individual de expressão dos diferentes falantes.

Enfatiza-se a existência de quatro tipos gerais de variação, de maneira vaga e reduzida. Mas, a seguir, são exemplificados e conceituados de forma satisfatória esses quatro tipos.

Os autores descrevem a variação histórica relacionada apenas ao “tempo (época) em que o falante vive”. Sabemos que a variação histórica é conceituada como, a língua que sofre transformações ao longo do tempo. Então, considera-se que há um erro conceitual na definição.

A variação geográfica é também definida em relação ao aspecto “região ao que o falante vive”, pois, é conceituada de forma vaga, sem a explicação de que a variação geográfica (ou diatópica) é a comparação entre os modos de falar de habitantes de lugares diferentes (cidades, estados e etc.). Em seguida para que o assunto seja entendido de forma clara, os autores exemplificam sobre cada tipo de variação.

Para a variedade sociocultural, na página 186, os autores usam como exemplo o texto de Cornélio Pires: “Só os óio”, mostrando as diferenças do modo de falar do sertanejo e do narrador personagem. Argumentando que, o linguajar do sertanejo evidencia que ele integra uma parcela da sociedade constituída por falantes economicamente mais pobres, demonstrando que provavelmente, tiveram acesso a uma escolarização irregular, de baixa qualidade. Já o narrador-personagem emprega a variedade culta da língua, o que nos permite

concluir que ele frequentou a escola, teve mais contato com os meios de comunicação da modalidade escrita (livros, jornais, revistas etc.).

Para a variação situacional, página 187, os autores dão exemplo de uma suposta conversa, no primeiro momento uma conversa de um jovem advogado em um tribunal de júri, em outro momento, o mesmo jovem está conversando com amigos a respeito do mesmo fato do primeiro momento. Nas duas situações de comunicação, é perceptível que o personagem usou o registro da fala adequado nas duas situações: no primeiro momento, o personagem, como estava em um tribunal do júri, usou a linguagem formal; na outra situação, como o personagem estava entre amigos, usou a linguagem informal.

A variante histórica apresenta-se um texto de autoria de Paio Soares Taveirós, o poema é muito antigo, é “Cantiga de Ribeirinha”, mostrando sua redação original e na versão atualizada, na página 187, é importante que os alunos percebam as alterações na grafia de algumas palavras e os seus significados.

Os autores, na página 188, ainda dão exemplos de palavras originárias do idioma inglês, que foram aportuguesadas e integra o vocabulário oficial do nosso idioma. Exemplo do livro: *to delete* significa “apagar”, e “deletando” significa apagando. Logo em seguida, ainda nessa página, os autores conceituam a variação histórica da língua de forma satisfatória, explicando que a mesma não é estática, pois, se modifica com o passar do tempo, e com o uso. As formas de falar, as palavras, a grafia, as estruturas das frases, o significado delas, tudo isso muda.

A variação geográfica, na página 188, é apresentada no LD da seguinte forma, os autores mostram partes de dois textos com a palavra “pipa” e “pandorga” em destaque, depois explicam que essas palavras são variações de um nome de um brinquedo, que também em outra região ou cidade pode ser chamado de “papagaio”, “tapioca”, “arraia” e etc. afirmando que, esse é um exemplo de variação geográfica, pois, o nome brinquedo muda de acordo com o lugar.

Os autores ainda argumentam nas páginas 188 e 189, que, a variação geográfica além de se manifestar no vocabulário, está presente também em certas estruturas de frases e principalmente na pronúncia (sotaque) que é características dos falantes de uma região, também é citado sobre as diferenças quando comparado ao português falado no Brasil e o português de Portugal, mostrando alguns aspectos dessas diferenças da língua portuguesa influenciada por sua origem da língua, e seu processo de expansão. Ainda na página 190, os autores mostram diferenças de vocabulário do português de Portugal e do português brasileiro, ressaltando que apesar do idioma ser oficialmente o mesmo, muitas vezes não é

fácil identificar o que os portugueses falam, portanto, há diferenças em todos os aspectos, seja na pronúncia, no vocabulário, no significado de determinadas palavras ou expressões e, em parte, na estruturação sintática (organização) das frases.

Diante dos estudos realizados acerca do ensino de variação linguística no livro didático, percebemos que essa temática já vem de muitos anos sendo estudada, e somente agora após 50 anos, ela ganhou espaço no LD, mas, a luta não termina aqui, pois, é de suma importância que o professor de língua portuguesa tenha preparação adequada para lecionar de maneira correta essa temática, mostrando ao aluno que a língua é dinâmica e que devemos respeitar a variante de cada falante.

Percebemos que a proposta metodológica deste livro: *Novas Palavras*, Amaral et al (2013, p. 162-190), não está totalmente adequada, pois, de acordo com a proposta curricular que aborda o fenômeno da variação, essa temática estar exposta de forma inadequada, reforçando o preconceito linguístico e expondo alguns conteúdos de maneira vaga e resumida. Em razão disso, o docente deve pesquisar outros meios e materiais de ensino para lhe ajudar nessa tarefa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, abordamos assuntos relacionados ao ensino, portanto, foi discutido sobre alguns problemas que ainda estão presentes no ensino de língua padrão da educação brasileira, por exemplo: Bagno (1999, p.178), afirma que o papel da escola é de criar condições para que o português padrão seja aprendido, vejamos que essa afirmação é certa, desde que esse ensino não fique limitado apenas ao ensino tradicional. Portanto, para termos um ensino inovador, os professores devem fazer uma mudança em seus conceitos, apesar da língua padrão ser a mais prestigiada, não se deve estigmatizar as demais variantes da língua portuguesa. O professor deve considerar a variante que o aluno fala, respeitando-o e mostrando-lhe a heterogeneidade da língua portuguesa, mostrando-os que devem adequar à língua na modalidade oral e escrita, de acordo com a situação de uso da língua em que nos encontramos.

Baseado no que já foi discutido aqui, percebemos que há um grande problema no ensino de gramática em sala de aula, pois, atualmente a gramática normativa é repassada de forma descontextualizada, com frases isoladas, e que as aulas de português estão direcionadas apenas para a memorização mecânica de regras gramaticais.

Chegamos à conclusão de que esse ensino retrógrado acerca da gramática não contribui para desenvolver a competência comunicativa do aluno, que possivelmente poderá lhe induzir a ter dificuldades de leitura e interpretação textual. Para que haja uma mudança na educação, o professor deve induzir a prática da leitura de forma prazerosa, também sugerindo atividades que explorem corretamente a oralidade e escrita, refletindo as regras gramaticais.

Percebe-se o esforço das instituições, dos PCNs, PNLD, linguísticas etc, quanto à preocupação com ensino de língua por uma escola mais integradora e eficiente, mas ainda não está sendo o suficiente. É necessário um maior empenho da gestão escolar, do professor e da própria elaboração dos livros didáticos para um ensino mais contextualizado.

É essencial que os docentes e professores em formação assumam uma postura inovadora frente ao ensino de língua portuguesa, com intuito de formar cidadãos conscientes e críticos, preparando-os para a realidade na sociedade, de modo que eles usem a língua sabendo adequar a situação comunicativa.

Os fragmentos que nos chamaram atenção no conteúdo do livro didático *Novas Palavras*, Amaral et all (2013, p. 162-190), do 1º ano do ensino médio; mostrando uma forma inadequada de trabalhar o fenômeno da variação, o preconceito implícito aqui, é que os

autores usam um exemplo de um personagem caipira, que reside em zona rural e provavelmente não é escolarizado, e, por outro lado, um engenheiro que é representante da variedade da zona urbana, para mostrar que essa é considerada como variedade de mais prestígio. Em nossa opinião subtende-se que esse preconceito é resultado do preconceito social, isso é comprovado com a ideia de que moradores de zona rural, não são escolarizados (no caso do caipira personagem do texto) e que não são capazes de falar uma variante culta em nenhuma situação comunicativa. Pois os autores poderiam ter escolhido outro tipo de texto que os falantes não usassem uma variante caipira e que não representasse essa oralidade de maneira artificial.

De forma geral, se formos comparar esse livro didático com outro de uma edição mais antiga, provavelmente encontraremos evolução em relação aos conteúdos, porém, há muito que mudar ainda, pois, os gêneros textuais presentes no conteúdo dos capítulos específicos que abordam a variação linguística, não se encaixam nas situações reais de uso da língua, pois, observamos que são poucos textos que tentam reproduzir a língua coloquial, e estes, reproduzem a fala de forma artificial, reforçando o preconceito linguístico. Baseado nessas abordagens sobre variação linguística, concluímos que esse ensino, proposto pelo LD analisado, continua dando vazão ao ensino tradicional.

Então, o docente tendo conhecimentos acerca da sociolinguística, e formação acadêmica suficiente para reconhecer que o LD escolhido para trabalhar nas aulas de língua portuguesa não está adequado para um ensino inovador, e sendo assim, não vai preparar o aluno para a comunicação em sociedade, o mesmo deve procurar outros materiais de ensino para lhe ajudar nessa tarefa.

Assim sendo, é de grande importância para nós docentes, que ainda nos encontramos em processo de formação, a validação desta pesquisa, pois, através dela temos, a possibilidade de refletir melhor sobre como se deveria trabalhar às variedades linguísticas no ensino de língua materna.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, Tânia Maria. *Sociolinguística*: parte I. In: Ana Christina Bentes (Org.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2003.
- AMARAL, Emília et all. *Novas Palavras – Português: ensino médio, 1º ano: Livro do aluno*. 2 ed. São Paulo: FTD, 2013. P. 162-190.
- ANTUNES, I. **Aula de Português**: Encontro e Interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**. Novela sociolinguística. 15 ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 49 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- _____. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- BECHARA, Evanildo. **Ensino de gramática**. Opressão? Liberdade? São Paulo: Ática, 1986. P. 34.
- LIMA, Ricardo Joseh. *Variação Linguística e os Livros Didáticos de Português*. In: MARTINS, M. A. et all. *Ensino de português e sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual da Linguística**. São Paulo: Contexto, 2009.
- MOLLICA, Maria Cecilia. *Linguística e sociolinguística*. In: MOLLICA, Maria Cecilia e BRAGA, Maria Luiza (Orgs). **Introdução à sociolinguística**: O Tratamento da Variação. São Paulo: Contexto, 2003. P.09.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Ensino de língua e vivência de linguagem*. Temas em confronto. São Paulo: Editora Contexto, 2010. P.P. 171-172.
- ORLANDI, E. **O que é linguística?** São Paulo: Brasiliense, 2006.
- PCNS (1998) Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf>>. Acesso em: 19 Agost. 2015.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. 34 ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Doa-se lindos filhotes de poodle: Variação Linguística, Mídia e Preconceito. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2005.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009.